

## CONSTRUÇÕES ASPECTUAIS [ANDAR + GERÚNDIO] E [VIVER + GERÚNDIO] NO PORTUGUÊS

### ASPECTUAL CONSTRUCTIONS [ANDAR + GERUND] AND [VIVER + GERUND] IN PORTUGUESE

Ana Clara Teixeira Ferreira\*  
anaclara.teixera@gmail.com

Sueli Maria Coelho\*\*  
su.coelho@uol.com.br

Este trabalho elegeu como objeto de estudo duas construções aspectuais da língua portuguesa: [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] e [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>]. A partir de uma análise quantitativa e qualitativa de 542 dados coletados no banco de dados do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), num recorte sincrónico que contemplou três séculos (XVIII, XIX e XX), avaliou-se a hipótese de que tais construções seriam variantes linguísticas. Os resultados acusaram que, a despeito de ambas as construções evocarem a noção de iteração, elas não são variantes linguísticas. Constatou-se que a construção cujo auxiliar é o verbo VIVER denota uma noção aspectual cujo limite do tempo interno é desconhecido, enquanto a construção que tem ANDAR como verbo auxiliar traduz uma noção aspectual cujo limite de tempo e sua duração são conhecidos. Identificou-se, ainda, que as construções introduzidas pelo verbo ANDAR são mais susceptíveis a serem ambíguas do que aquelas introduzidas pelo verbo VIVER.

**Palavras-chave:** Aspecto verbal. Construção verbal. Variante linguística.

This work chose as object of study two aspectual constructions of the Portuguese language: [V1<sub>ANDAR (TO WALK)</sub> + V2<sub>GERUND</sub>] e [V1<sub>VIVER (TO LIVE)</sub> + V2<sub>GERUND</sub>]. Based on a quantitative and a qualitative analysis of 542 data collected in the *Corpus do Português* database (<https://www.corpusdoportugues.org/>), in a synchronous profile that includes three centuries (XVIII, XIX and XX), we evaluated the hypothesis that such constructions would be linguistic variants. The results showed that, despite both constructions evoking the notion of iteration, they are not linguistic variants. It was found that the construction whose auxiliary is the verb VIVER (TO LIVE) denotes an aspectual notion whose internal time limit is unknown, while the construction whose auxiliary verb is ANDAR (TO WALK) translates an aspectual notion whose time limit and duration are known. It was also identified that the constructions introduced by the verb ANDAR (TO WALK) are more likely to be ambiguous than those introduced by the verb VIVER (TO LIVE).

**Keywords:** Verbal aspect. Verbal construction. Linguistic variant.

---

\* Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), Belo Horizonte, Brasil. ORCID: 0000-0002-1225-9605.

\*\* Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), Belo Horizonte, Brasil. ORCID: 0000-0003-4021-0339. ORCID:

•

## 1. Introdução

O *aspecto* é a categoria gramatical que ocupa menor espaço em nossos compêndios, quer normativos quer descritivos. O tratamento a ela dispensado normalmente se restringe a uma breve menção a essa propriedade do verbo que, contrariamente ao *tempo*, ao *modo*, ao *número* e à *pessoa*, não é marcada morfológicamente nas línguas românicas. Nesse tronco linguístico, a marcação do aspecto:

constitui um sistema complementar (ou marginal) do sistema fundamental (este constituído pela conjugação dos tempos simples, exprimindo, sobretudo, e fundamentalmente, as categorias tempo/modo e pessoa/número). Os demais valores (verbais), designados pelo termo aspecto, encontram a sua melhor expressão gramatical nas perífrases verbais.<sup>1</sup> (Barroso 1994, p. 17)

A categoria aspectual tem merecido tratamento mais substancial no âmbito dos estudos linguísticos, mas nem sempre ela esteve sob os holofotes dos estudiosos da língua, como atestam estas palavras de Travaglia (1985/2014):

No estudo do verbo no Português pouca atenção tem sido dada à categoria de aspecto [...]. Evidência disto é o fato de nossas gramáticas tradicionais, com raras exceções, quase não tratarem desta categoria. A sua não consideração criou uma lacuna na descrição do sistema verbal do português [...]. (Travaglia 1985/2014, p. 16)

No Brasil, coube a Castilho (1968) inaugurar as reflexões sobre o tema, definindo aspecto como “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento”, isto é, “a representação espacial do processo” (Castilho 1968, p. 14). Comrie (1976), ao descrevê-lo na língua inglesa, estabeleceu que “aspectos são diferentes formas de visualizar o contexto temporal interno de uma situação” (Comrie 1976, p. 3, tradução nossa)<sup>2</sup> e, apoiando-se, nas noções de dêixis, contrapôs as categorias de tempo e de aspecto, concebendo esta como não-dêitica, por oposição àquela. Travaglia (1985/2014) também reconhece que a categoria de aspecto traduz o tempo interno do evento verbal, isto é, “o tempo gasto pela situação em sua realização” (Travaglia 1985/2014, p. 42). O aspecto traduziria, assim, “a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna” (Travaglia 1985/2014, p. 40).

Numa tentativa de convergir as três definições, podemos conceber o aspecto como a categoria gramatical que expressa o tempo interno do evento verbal, revelando o modo

<sup>1</sup> Barroso (1994) concebe a perífrase verbal como um “sistema complementar constituído, formalmente, por verbo auxiliar (= verbo morfemático) + uma forma nominal do verbo principal” (Barroso 1994, p. 13), podendo ou não contar com preposição. Segundo o autor, a noção aspectual, contrariamente às demais categorias do verbo, não está marcada no auxiliar, mas emerge do conjunto [verbo auxiliar + (prep) + forma nominal], motivo pelo qual optamos por tratar as tradicionais perífrases verbais como construções, nos termos de Goldberg (1995), conforme discutiremos na seção 4.

<sup>2</sup> Do original: “aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation”.

como tais eventos são concebidos pelo falante em termos de suas diversas fases, conforme ilustram estes exemplos:

- (1) “Maria **conversou** comigo **por muito tempo**.” (Travaglia 1985/2014, p. 108, negrito do autor).
- (2) “A mistura **ia endurecendo** lentamente.” (Travaglia 1985/2014, p. 86, negrito do autor).

Em 1, o evento expresso pelo verbo é visto pelo falante em sua totalidade, já que não há “tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento” (Travaglia 1985/2014, p. 85). Já em 2 o falante o descreve parcialmente, o que torna a situação incompleta, no sentido de que “não temos o todo da situação e, por isso, [...] ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento” (Travaglia 1985/2014, p. 85). Em ambos os casos, contudo, é possível identificar a noção de aspecto, já que há menção ao tempo interno dos eventos verbais, sendo um deles concebido na sua completude (*cf.* 1; aspecto perfectivo) e outro em uma de suas diversas fases (*cf.* 2; aspecto imperfectivo). Dada a linha tênue entre as categorias de tempo e de aspecto, conforme observado por Comrie (1976), além do que este não é marcado morfológicamente, mas suas nuances estão latentes nas desinências modo-temporais, observamos, ainda, nos exemplos anteriores, a noção de *tempo* passado, já que ambos os contextos se referem a fatos ocorridos antes da enunciação. Isso evoca outra questão manifesta nos exemplos acima, qual seja, a diversidade de recursos de marcação aspectual no português. Costa (2002) afirma que a marcação do aspecto nessa língua se dá, sobretudo, por meio de formas verbais, de circunstanciais adverbiais<sup>3</sup> e de construções verbais. A presença do termo circunstancial de tempo em 1 é essencial para combinar o aspecto durativo que ele conota ao aspecto perfectivo expresso pela forma verbal. Também em 2 o circunstancial de modo contribui para realçar a incompletude do evento descrito pela construção verbal de gerúndio. Essa combinação de recursos que concorrem para a marcação do aspecto é um dos fatores que determinam sua natureza composicional.

Apenas essas informações preliminares já são suficientes para atestar a complexidade e a relevância do tema na língua, o que por si só justifica investigá-lo. Agregue-se a isso o fato de que os trabalhos sobre esse assunto são ainda restritos, embora tenham se tornado mais frequentes nos últimos tempos por obra do investimento de alguns pesquisadores, dentre os quais destacamos: Castilho (1968), Câmara Júnior (1970), Comrie (1976), Travaglia (1985/2014), Barroso (1994, 2009), Oliveira, Cunha e Matos (2000), Costa (2002), Mira Matheus *et al.* (2003), Wachowicz (2004), Cunha (2006), Sousa (2007), Alzamora (2018) e Vitral e Coelho (2019). Na trilha desses estudiosos, nosso trabalho surge como uma proposta de descrição sociolinguística de duas construções verbais cuja função parece denotar noções aspectuais no português. Nosso objetivo no âmbito deste texto é, pois, descrever e analisar as construções [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] e [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>], sistematizando possíveis noções aspectuais por

---

<sup>3</sup> Cunha (2006), ao contrapor frequência e habitualidade no PE, constata que “os diferentes padrões combinatórios com os adverbiais temporais desempenham um papel crucial no que respeita à distinção entre estruturas frequentativas e habituais” (p. 355).

elas expressas, de modo a verificar se tais construções são ou não variantes linguísticas no português. Adicionalmente, buscamos descrever eventuais contextos de variação e/ou de distribuição complementar. Antes de passarmos à formulação de nossas hipóteses, contextualizemos nosso objeto de estudo à luz dos seguintes exemplos, extraídos de Travaglia (1985/2014):

- (3) “Celina **anda perguntando** por você.” (p. 208, negritos do autor)
- (4) “Se você **andar comprando** tolices, corto sua mesada.” (p. 208, negritos do autor)
- (5) “Antônio **vive protestando** contra as injustiças dos homens.” (p. 210, negritos do autor)
- (6) “Embora Dagoberto **viva olhando** para mim, nunca se aproximou.” (p. 210, negritos do autor)

Ao analisarmos esses contextos, percebemos que a construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] denota iteratividade, ou seja, repetição de eventos no curso do tempo, e que a construção [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] evoca habitualidade<sup>4</sup>, isto é, remete a atos rotineiros, que tendem a se repetir no curso do tempo. Considerando-se o fato de que ambas as perífrases assinalam a repetição de eventos no curso do tempo, além do que os verbos auxiliares que as compõem são originalmente lexemas que traduzem movimento, nossa hipótese é de que tais construções apresentam alguns contextos de variação. Ademais, dado que ANDAR denota um movimento concreto, ao passo que VIVER traduz metaforicamente a noção de movimento, acreditamos que isso se reflita no processo de gramaticalização dos dois auxiliares e que, portanto, haja também contextos em que as construções não se equivalham, o que invalidaria a tese da variação nesses contextos. Para darmos conta de nossa proposta, apoiamo-nos, portanto, nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, combinando-os com reflexões pautadas na linguística cognitiva, mais especificamente no conceito de metáfora, e nos pressupostos da gramaticalização.

Procederemos à apresentação de nosso estudo apresentando e discutindo as noções aspectuais traduzidas por nossas construções. Para tanto, apoiar-nos-emos prioritariamente nos trabalhos de Castilho (1968) e de Travaglia (1985/2014), para as noções aspectuais (segunda seção), e de Goldberg (1995), para definir construção (terceira seção). Na quarta seção, descrevemos nossa metodologia, explicitando os critérios adotados para a constituição do *corpus* e para o tratamento e a análise dos dados. Na quinta seção, apresentamos e analisamos os resultados obtidos, avaliando-se a pertinência de nossas hipóteses, ao que se seguirão nossas conclusões.

---

<sup>4</sup> Há controvérsias entre os estudiosos quanto ao fato de a habitualidade denotar ou não noção aspectual, o que será discutido na seção 2.

## 2. As construções [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] e [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] e a expressão do aspecto

### 2.1. A visão de Castilho (1968)

De acordo com Castilho (1968), as duas construções denotam aspecto iterativo, o qual traduz ações que exprimem essencialmente a repetição. Dado que esta pode ser “consciente, intencional, ou automática, rotineira, caso em que teremos o hábito” (Castilho 1968, p. 92), importante registrar que, conforme adverte o autor, apenas os dois primeiros tipos traduzem o aspecto iterativo. A repetição que decorre da habitualidade (ações automáticas e rotineiras) tende a ser modal, e não aspectual, porque traduz a atitude do falante frente à própria visão do evento.<sup>5</sup> Esclarecidas as condições em que a repetição conota aspecto, o autor ora referenciado registra que ambas as construções denotam tanto o aspecto iterativo imperfectivo, definido como ações que acontecem repetidamente de forma durativa, quanto o aspecto iterativo perfectivo, conjunto de ações que acontecem repetidamente de forma pontual (Castilho 1968).

Essa informação de Castilho (*op. cit.*) parece dialogar com nossa hipótese acerca do fato de as construções constituírem variantes linguísticas nos termos labovianos, mas, ao avançarmos na leitura de sua obra, percebemos alguma especificidade quando o autor trata do aspecto iterativo imperfectivo. Segundo descreve, este se traduz tanto por meio de flexões temporais de verbos atélicos<sup>6</sup> no presente, no pretérito imperfecto, no pretérito perfeito<sup>7</sup>, quanto por meio das construções [ANDAR + gerúndio ou infinitivo] e [VIVER + gerúndio de verbo atélico], que:

exprimem repetição por obra do conjunto formado pelo verbo auxiliar + verbo principal. Exemplos: [...] “Eu ainda não te contei, mas a Valda anda fumando uma coisa esquisita” [...] “Por outro lado, D. Auta vivia chorando de desgosto” [...]. Há uma diferença entre o primeiro e o segundo tipo de perífrases, pois “anda fumando”, “anda achando”, etc., indicam repetição de ato não habitual, enquanto que “vivia chorando”, “vive pensando”

<sup>5</sup> Visão semelhante tem Cunha (2006), para quem “mais do que simplesmente quantificarem sobre situações, as configurações de habitualidade dão conta de características gerais que permitem qualificar os indivíduos que nelas se encontram envolvidos” (p. 339). Além disso, “as construções de habitualidade distinguem-se das restantes configurações que exprimem a repetição de eventualidades por decorrerem em intervalos de tempo obrigatoriamente longos e preferencialmente não delimitados” (p. 339). Nesse sentido, o autor assume que “as configurações que remetem para a habitualidade funcionam como ‘perspectivadores’ aspectuais, ou seja, como elementos linguísticos que, apesar de alterarem substancialmente o ‘perfil’ temporal interno de uma dada situação, não a transformam ou comutam integralmente, mantendo visíveis algumas das características básicas que as identificam” (p. 341).

<sup>6</sup> De acordo com Travaglia 1985/2014, p. 61), “verbo atélico é aquele que indica uma situação que não tende a um fim necessário”. Exemplos: “cantar, chover, ler, caminhar, mastigar, andar, etc.” (Travaglia 1985/2014, p. 61).

<sup>7</sup> Segundo Wachowicz (2004), embora os sufixos flexionais do PB favoreçam uma leitura iterativa, há algumas restrições flexionais, entre as quais a do presente simples (forma verbal menos marcada para aspecto) e a do pretérito perfeito, cuja iteração se subordina à quantificação do NP complemento: cardinalidade igual a 1 resulta em leitura episódica (“Ronaldo marcou um gol”) e superior a 1 resulta em leitura iterativa (“Ronaldo marcou três gols na partida”). De acordo com seu estudo, a classe aspectual é outro fator de restrição, sobretudo em se tratando de complementos pluralizados: “a iteratividade aparece em sentenças com verbos *accomplishments* [...] e *achievements* [...], ao passo que com verbos estado [...] e atividade [...] a iteratividade é neutralizada” (p. 3–4).

assinalam a repetição de ato já costumeiro. A causa da diferença está na natureza dos verbos auxiliares. (Castilho 1968, p. 94)

Em se tratando do aspecto iterativo perfectivo, é denotado por meio das flexões temporais de verbos télicos<sup>8</sup> no presente, no pretérito imperfeito, no pretérito perfeito, além das construções “andar, viver + gerúndio de verbo télico; ser de, soer + infinitivo de verbo télico” (Castilho 1968, p. 98) e de alguns sufixos como *-ear*, *-etear*, *-ejar*, *-itar*, entre outros. Segundo defende:

uma vez que o iterativo representa uma coleção de ações durativas ou pontuais, situando-se a meio termo do imperfectivo e do perfectivo, não haverá, em decorrência disso, semantemas propriamente iterativos, salvo alguns casos escassos: *costumar*, *soer*, *habituar-se*. (Castilho 1968, p. 92, grifos do autor)

## 2.2. A visão de Travaglia (1985/2014)

Travaglia (1985/2014) trata de nossas construções quando aborda os aspectos compostos, que, segundo define, “nada mais são do que diferentes combinações de aspectos simples tais como Perfectivo, Imperfectivo, Durativo, Pontual, Iterativo, Inceptivo, Terminativo, etc.” (Travaglia 1985/2014, p. 61). Para esse linguista, a construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] “marca o aspecto iterativo com todas as flexões verbais em que é possível. Normalmente, temos também o imperfectivo e o não acabado, exceto nos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, em que temos o perfectivo” (Travaglia 1985/2014, p. 207). Segundo seu entendimento, “o iterativo se caracteriza por apresentar a situação como tendo duração descontínua limitada” (Travaglia 1985/2014, p. 89), isto é, “quando se indica seu início ou seu fim ou valor da duração, ou quando, mesmo sem nenhuma limitação explícita, a situação é sentida como tendo uma duração finita” (Travaglia 1985/2014, p. 46), tal como se ilustra a seguir:

(7) “Celina **anda perguntando** de você.” (Travaglia, 1985/2014, p. 208, grifos do autor)

Já a construção [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] “marca os aspectos imperfectivo, não acabado<sup>9</sup> e habitual<sup>10</sup> em todas as flexões verbais em que é possível” (Travaglia 1985/2014, p. 210), conforme ilustra este exemplo:

(8) “Antônio **vive protestando** contra as injustiças dos homens.” (Travaglia 1985/2014, p. 210, grifos do autor)

<sup>8</sup> “Verbo télico é aquele que indica uma situação que necessariamente chega a um fim, ou seja, uma situação que marcha para um clímax ou ponto natural.” Exemplos: “decidir, fazer uma cadeira, morrer, nascer, explodir, engolir, etc.” (Travaglia 1985/2014, p. 61).

<sup>9</sup> “O aspecto começado ou não acabado se caracteriza por apresentar a situação já em realização, ou seja, após o seu momento de início e antes de seu momento de término” (Travaglia 1985/2014, p. 97).

<sup>10</sup> Para o autor, aspecto habitual é aquele “que apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada” (Travaglia 1985/2014, p. 91). Por ilimitado, entende-se o evento cujos limites do tempo são desconhecidos, como se vê em frases com verdades “eternas” ou em princípios científicos.

Embora a classificação proposta por Travaglia (1985/2014) apresente maior grau de detalhamento em relação àquela de Castilho (1968), nota-se um diálogo bastante próximo entre os autores, sobretudo no que toca ao fato de a construção [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] marcar repetição de um evento rotineiro, o que não se verifica com a construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>]. Isso acende um alerta para a hipótese de que tais construções possam ser variantes linguísticas na marcação do aspecto.

### 3. A linguística cognitiva e a gramática de construções

Considerando-se que, conforme assinalado por Castilho (1968) e por Barroso (1994), a manifestação das noções aspectuais que estamos estudando ocorre nas perífrases verbais como um todo, entendemos que tais perífrases devam ser concebidas em termos de construções, tal como proposto por Goldberg (1995). Desse modo, nesta seção, passamos a discutir brevemente o conceito de *construção*, inserindo-o no bojo da linguística cognitiva, dado que essas informações, ainda que breves, são importantes para nossa análise.

#### 3.1. Origem e principais postulados da gramática de construções

A gramática de construções tem seu berço no seio da linguística cognitiva, que surgiu no final da década de 1970 como uma teoria de contraposição às ideias da teoria gerativa, mais especificamente no que toca à significação (Rafael 2016). O princípio basilar da gramática de construções ancora-se no “pareamento forma-significado, como premissa fundamental na estruturação da gramática” (Ferrari 2014). De acordo com Ferrari (2014), “o paradigma denominado gramática de construções propõe que as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre forma e significado” (p. 129).

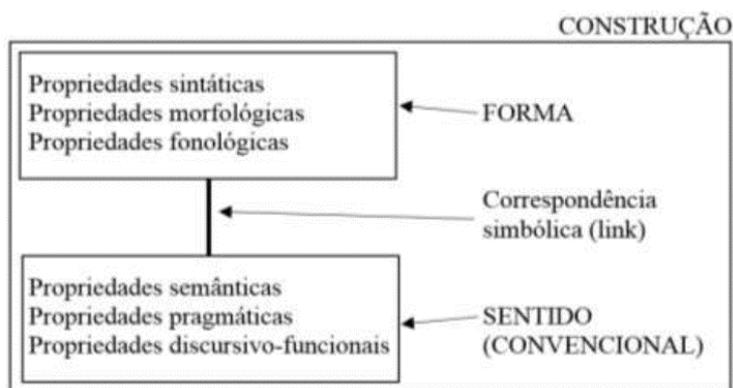
Segundo Rafael (2016), é a perspectiva da continuidade entre léxico e sintaxe que distancia esse quadro teórico da teoria gerativa: “tendo em vista essa continuidade léxico-sintaxe, a gramática de construções propõe que a língua é uma grande rede construcional, formada pelas relações (sintáticas, semânticas, morfológicas etc.) existentes entre as construções” (Rafael 2016, p. 50).

#### 3.2. O conceito de construção

Segundo Goldberg (1995), a construção é a unidade básica da língua, devendo ser entendida como a associação entre estruturas semânticas particulares (significado) e expressões formais (forma), independentemente dos itens lexicais que as constituem.<sup>11</sup> Para a autora ora referenciada, as construções resultam do pareamento entre uma *forma*, concebida como o conjunto de propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e um *sentido*, concebido como o conjunto de propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, tal como representado esquematicamente na figura a seguir:

---

<sup>11</sup> “Particular semantic structures together with their associated formal expression must be recognized as constructions independent of the lexical items which instantiate them” (Goldberg 1995, p. 1).



**Figura 1. Esquema das construções.**

Fonte: Croft (2007), tradução nossa, *apud* Rafael (2016).

O esquema apresentado evidencia o pareamento forma/sentido das construções e determina que isso acontece de modo “convencional, conectado por uma correspondência simbólica, o que não ocorre, por exemplo, no modelo gerativo de descrição das línguas” (Rafael 2016, p. 52). Como sinaliza Ferrari (2014), as construções gramaticais têm seu significado pautado em “um conjunto de princípios comuns para explicar todas as unidades presentes na composição de uma língua, incluindo som, significado, léxico e gramática” (p. 130). É por causa desse conjunto de princípios comuns que se postula que:

existe uma representação uniforme de todo o conhecimento gramatical na mente do falante sob forma de construções gerais. Isso significa dizer que tudo, desde as palavras até as regras sintáticas e semânticas, pode ser representado como construções. Por esse motivo, Goldberg (1995) considera que as construções são cruciais para a descrição da língua, o que, para a autora, poderia levá-las a serem reconhecidas como entidades teóricas. (Rafael 2016, p. 54)

É, pois, nesse sentido que estamos concebendo as perífrases verbais com as quais estamos trabalhando, já que as noções aspectuais por elas expressas emergem do todo formado por [V1 + V2GERÚNDIO], não resultando da soma composicional de cada uma de suas partes. Discutidas as noções principais sobre as quais se assenta nosso objeto de estudo e, conseqüentemente, nossa análise, passamos, na próxima seção, à descrição dos procedimentos metodológicos adotados para a condução da pesquisa que aqui se relata.

## 4. Descrição da metodologia

### 4.1. Do quadro teórico e do recorte temporal

Em virtude da necessidade de delimitação e observando os pressupostos variacionistas<sup>12</sup>, optamos por fazer o seguinte recorte temporal: analisamos ocorrências das construções [V1ANDAR + V2GERÚNDIO] e [V1VIVER + V2GERÚNDIO] coletadas nos séculos XVIII, XIX e XX. Por meio de uma perspectiva diacrônica, portanto, buscamos descrever essas duas

<sup>12</sup> A despeito de não ser nosso objetivo estudar o processo de mudança dessas construções, optamos por manter esse intervalo diacrônico, até mesmo para tentar flagrar uma eventual variação ao longo dos séculos.

construções ao longo de três séculos, verificando se elas são ou não variantes linguísticas, isto é, se, tal como proposto por Tarallo (1986), elas constituem “formas diversas de se dizer a mesma coisa num mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (p. 8). Para alcançarmos esse objetivo, foi necessário identificar o valor semântico e o aspecto conotado por tais construções, para o que adotamos as propostas de Castilho (1968) e de Travaglia (1985/2014), conforme abordadas na segunda seção.

Além da noção de *variante linguística* da sociolinguística, recorreremos ao quadro teórico da linguística cognitiva, primeiramente porque dele, mais especificamente de Goldberg (1995), tomamos o conceito de construção, já que, como explicamos, as perífrases analisadas são um pareamento de forma e sentido. Outro conceito importante para nossa análise e extraído desse quadro teórico é o de *metáfora*, concebida como:

[...] um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo. O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato. (Ferrari 2014, p. 92)

Esse processo metafórico de abstração está na base das construções de que nos ocupamos – não só porque ele atua no processo de gramaticalização que as originou, mas, também porque as duas formas que ocupam a posição de V1 se diferem já enquanto formas lexicais em termos de maior ou menor concretude na expressão do movimento – e, conforme já sinalizado por Castilho (1968), pode explicar a possibilidade ou não de tais construções serem variantes linguísticas em algum contexto.

#### 4.2. Do *corpus*

O *corpus* do estudo foi constituído por 542 dados extraídos do *Corpus* do Português, plataforma organizada por Mark Davies (2004). Esse banco de dados é constituído por 45 milhões de palavras extraídas de diversas fontes, tanto do Brasil quanto de Portugal. Coletaram-se as ocorrências na interface diacrônica do *corpus* cujos dados compreendem amostras linguísticas do século XIII até o século XX.

Dado nosso recorte temporal, a coleta se restringiu aos séculos XVIII, XIX e XX e foi realizada utilizando-se os códigos de busca da própria plataforma, a saber, (i) [ANDAR] [VG] e (ii) [VIVER] [VG], conforme ilustrado pelas figuras a seguir.

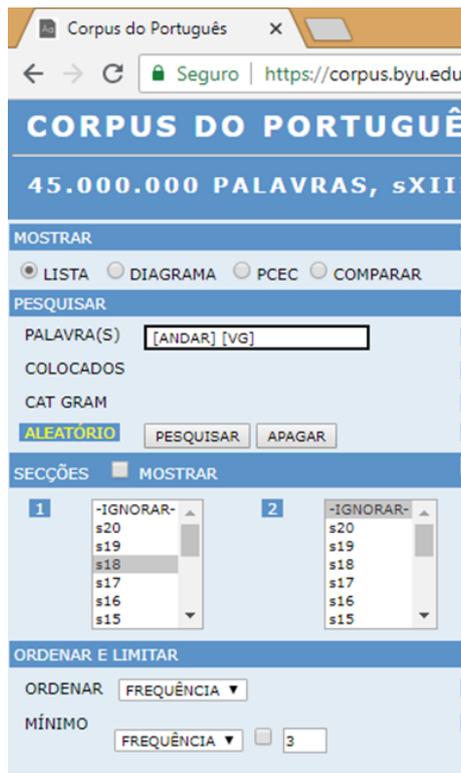


Figura 2. Utilização do código [ANDAR] [VG] no *Corpus do Português*.  
Fonte: Imagem capturada do site *Corpus do Português*.

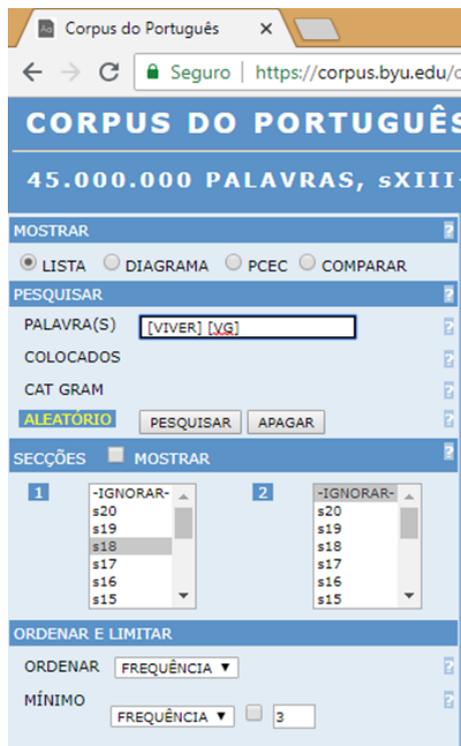


Figura 3. Utilização do código [VIVER] [VG] no *Corpus do Português*.  
Fonte: Imagem capturada do site *Corpus do Português*.

Esse procedimento de busca nos permitiu identificar 363 ocorrências da construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>], sendo 63 do século XVIII, 146 do século XIX e 11 do século XX do português brasileiro e da modalidade oral, 116 do português brasileiro escrito,

nove do português europeu da modalidade oral e 18 do português europeu escrito.<sup>13</sup> Foram identificadas 179 ocorrências da construção [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>], sendo cinco do século XVIII, 53 do século XIX, 22 do português brasileiro da modalidade oral, 98 do português brasileiro escrito, uma do português europeu da modalidade oral e nove do português europeu escrito.

### 4.3. Do balanceamento do *corpus*

O *corpus* em questão precisou ser balanceado porque o número de palavras por século não é equânime na plataforma. Assim, no período que compreende dos séculos XIII ao XVIII, temos um total de 15 milhões de palavras; já no século XIX temos 10 milhões e, no século XX, temos 20 milhões. Foi preciso, pois, equalizá-lo em termos de extensão, para que a análise quantitativa não fosse comprometida. Para tanto, utilizamos a metodologia de balanceamento proposta por Drumond (2014). De acordo com o que se depreende das Tabelas 1 e 2, extraídas do autor, tal metodologia se pauta na atribuição diferenciada de peso por período:

**Tabela 1. Distribuição de peso para as análises dos séculos XIII a XX.**

<b>Total de palavras no <i>corpus</i>: 45.606.959</b>			
<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>
<b>Séc.</b>	<b>N.º palavras</b>	<b>Atribuição de peso</b>	<b>Teste de peso (B x C)</b>
XIII	550.968	82,77605777	45.606.959
XIV	1.316.268	34,64868781	45.606.959
XV	2.875.653	15,85968787	45.606.959
XVI	4.435.031	10,28334616	45.606.959
XVII	3.407.741	13,38334075	45.606.959
XVIII	2.234.951	20,4062456	45.606.959
XIX	10.008.622	4,556767055	45.606.959
XX	20.777.725	2,194992907	45.606.959

Fonte: Drumond (2014, p. 40).

**Tabela 2. Distribuição de peso dos séculos XVIII a XX.**

<b>Total de palavras dos séculos XVIII a XX: 33.021.298</b>			
<b>Séc.</b>	<b>N.º palavras</b>	<b>Peso</b>	<b>Teste de peso</b>
XVIII	2.234.951	14,77495	33.021.298
XIX	10.008.622	3,299285	33.021.298
XX	20.777.725	1,589264	33.021.298

Fonte: Drumond (2014, p. 40).

<sup>13</sup> Nossos resultados não se conformam aos de Oliveira, Cunha e Matos (2000), que, ao compararem os usos de construções progressivas no PE e no PB, entre as quais aquela formada por [*andar a* + infinitivo], concluem que “*andar*, embora pouco frequente em PB, revela paralelismo semântico com o mesmo operador em PE” (p. 741). Em nossa amostra, tais construções mostraram-se mais produtivas no PB que no PE.

Tomando por base a metodologia proposta por Drumond (2014), para cada ocorrência obtida do século XVIII, foi atribuído o peso 14,77495; para cada ocorrência obtida do século XIX, foi atribuído o peso 3,299285; e, por fim, para cada ocorrência obtida do século XX, foi atribuído o peso 1,589264. Esse procedimento nos deu uma dimensão real do *corpus* por período, simulando-se uma equivalência quantitativa de dados, o que nos permitiu, portanto, neutralizar os problemas advindos da disparidade entre os períodos.

#### 4.4. Dos procedimentos

Ao coletar as ocorrências que o sistema do banco de dados disponibilizou utilizando os códigos anteriormente mencionados, criamos um documento em Word para listá-las em sequência de aparecimento. Logo em seguida, tais ocorrências foram numeradas e categorizadas por século, já que, embora não pretendêssemos estudar o processo de gramaticalização das formas auxiliares, visávamos a analisar o processo de expansão desse recurso de marcação aspectual na língua.

Numa segunda etapa da categorização, as ocorrências foram classificadas de acordo com três categorias: (i) construções gramaticalizadas, ou seja, aquelas que integravam uma unidade verbal para marcar noções aspectuais; (ii) verbos ANDAR ou VIVER seguidos de gerúndio, mas não formando ainda uma construção aspectual<sup>14</sup>; e (iii) contextos de ambiguidade, quando não era possível distinguir se a construção já fora ou não gramaticalizada. Esses critérios, aqui apenas registrados, serão retomados e ilustrados posteriormente, quando da análise qualitativa dos resultados encontrados.

### 5. Descrição e análise dos dados

#### 5.1. A quantificação dos dados

Iniciaremos nossa tarefa de descrever e de analisar os dados obtidos sob a perspectiva quantitativa, para, na sequência, passarmos à análise qualitativa. O primeiro passo será, portanto, listar todos os verbos que aparecem na forma nominal de gerúndio (V2), acompanhados do verbo ANDAR (V1), formando, assim, a construção. Foram identificados 154 verbos na posição de V2, quais sejam: abocanhar, abrir, achar, afanar, alcançar, alcovitar, algaraviar, almocrevar, alugar, apanhar, arrastar, atrapalhar, bater, beber, beijar, boiar, bramir, brincar, buscar, campear, cantar, cavar, ceiar, cheirar, chiar, chorar, circular, cismar, citar, combinar, contar, conversar, correr, cuidar, dar, deitar, desaparecer, destruir, desvelar, discorrer, dizer, dizimar, dominar, embuchar, enganar, escutar, espalhar, especular, espionar, espreitar, estar, estudar, evaporar, envolver, explorar, falar, falhar, farejar, fazer, fechar, flutuar, formar, fumar, ganhar, gastar, gingar, gozar, imaginar, indagar, inquietar, intrigar, inventar, jugar, ladrar, lambiscar, lavar, ler, mariscar, matar, meter, miar, minar, molestar, morrer, murmurar, nadar, naufragar, oferecer, organizar, pairar, palmear, passear, pedir, penar, pensar, perder, perseguir, pescar, pisar, plantar, poder, precisar, pregar, preparar, pressionar, procurar, profetizar,

---

<sup>14</sup> Essa categoria visou a nos permitir identificar o contexto de reanálise da construção aspectual, bem como a tentar descobrir qual construção é mais antiga na língua.

prometer, pular, querer, receber, reclamar, reconstruir, regatear, repetir, requerer, resistir, revirar, revolver, rir, rir-se, rodar, rodear, rondar, roubar, saber, sair, saltaricar, seduzir, seguir, semear, sofrer, sublimar, sumir, suspeitar, tapar, tecer, tomar, trabalhar, tratar, tresvariar, triunfar, trocar, trotar, vadiar, vagar, vaguear, varrer, vender, viajar, visitar, voar, voltar, volver.

Já os verbos que apareceram na forma nominal do gerúndio (V2), juntamente com o verbo VIVER (V1), totalizam 124: abençoar, acreditar, acusar, agonizar, amar, amolar, anunciar, apertar, apostar, apregoar, aproveitar, arear, arrastar, arrumar, assediar, babar, bater, beber, blasonar, bocejar, brincar, buscar, cancelar, cantar, carpir-se, censurar, cercar, citar, comer, confiar, considerar, contar, correr, crescer, culpar, dançar, dar, delirar, descobrir, discutir, disputar, dizer, dominar, dormir, encher, enganar, engraxar, ensinar, errar, escapulir, esconder, espancar, esperar, espionar, espremer, estar, exaltar, explicar, falar, farejar, fazer, flamar, fugir, gemer, grazinar, guiar, inventar, ironizar, jantar, ler, lidar, lutar, luzir, marcar, morrer, murmurar, namorar, navegar, negociar, ocupar, olhar, padecer, papar, passar, pedir, pegar, penar, pensar, percorrer, perguntar, perseguir, pescar, por, porfiar, pregar, preparar, procurar, querer, reconhecer, reinar, repassar, representar, resmungar, respirar, rezar, rir, rir-se, sobraçar, sofrer, sonhar, sorrir, sugar, tecer, telefonar, tentar, ter-se, testar, tomar, trabalhar, trocar, uivar, vadiar, viajar, zombar.

Identificamos ainda um total de 38 verbos comuns às duas perífrases, ocupando a posição de V2: arrastar, bater, beber, brincar, buscar, cantar, citar, contar, correr, dar, dizer, dominar, enganar, estar, falar, farejar, fazer, inventar, ler, morrer, murmurar, pedir, penar, pensar, perseguir, pescar, pregar, preparar, procurar, querer, rir, rir-se, sofrer, tecer, trabalhar, trocar, vadiar, viajar.

Apresentada a quantificação total dos dados, bem como descritas as formas que coocorrem com os auxiliares a cujo estudo nos dedicamos, passamos à descrição quantitativa das construções que são objeto de nosso estudo por século e por modalidade de língua (oral ou escrita).<sup>15</sup> Iniciamos pela construção mais produtiva e, na sequência, passamos à quantificação da construção introduzida pelo verbo VIVER.

**Tabela 3. Frequência diacrônica das ocorrências [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>].**

	Número bruto de ocorrências	Número balanceado de ocorrências
<b>Século XVIII</b>	63	930,82185
<b>Século XIX</b>	146	481,69561
<b>PB Escrito</b>	116	184,354624
<b>PE Escrito</b>	18	28,606752
<b>Século XX</b>		
<b>PB Oral</b>	11	17,481904
<b>PE Oral</b>	9	14,303376

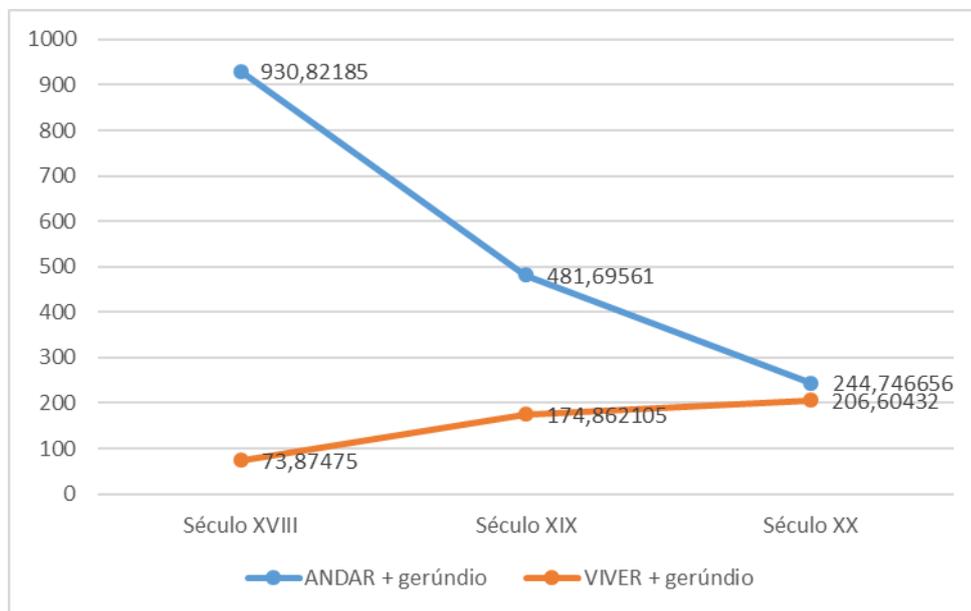
<sup>15</sup> Essa distinção foi pautada nas informações disponíveis no banco de dados e só pode ser estabelecida para o século XX.

**Tabela 4. Frequência diacrônica das ocorrências V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>.**

	Número bruto de ocorrências	Número balanceado de ocorrências
<b>Século XIX</b>	53	174,862105
<b>Século XX PB Escrito</b>	98	155,747872
<b>Século XVIII</b>	5	73,87475
<b>PB Oral</b>	22	34,963808
<b>Século XX PE Escrito</b>	9	14,303376
<b>PE Oral</b>	1	1,589264

Ao analisarmos as Tabelas 3 e 4, fica evidente a importância do balanceamento dos dados coletados, já que, conforme se observa, os dados brutos não espelham fielmente a frequência total das formas, considerando-se a não equidade entre os dados de cada século, motivo pelo qual passamos a interpretar os resultados, considerando-se apenas o percentual balanceado.

Os dados obtidos mostram que ambas as construções são produtivas na língua e que aquela cujo V1 é ANDAR é mais produtiva. Essa maior produtividade pode ser decorrente de dois fatores: (i) ela estar mais gramaticalizada, já que, desde o século XVIII, sua frequência é bem maior; e (ii) existir uma gama maior de verbos que se combinam com V1<sub>ANDAR</sub> (154 formas em oposição a 124 formas com o verbo VIVER), conforme já descrevemos. Entretanto, ao refinarmos a análise dos dados dispostos nas Tabelas 3 e 4, podemos inferir que a frequência da construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] tem diminuído na língua. Isso fica mais visível na análise do Gráfico 1:



**Gráfico 1. Comparação entre a frequência das ocorrências de [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] e [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] ao longo dos séculos.**

As curvas diacrônicas das duas construções mostram uma assimetria de produtividade e sugerem que existe uma tendência a que elas venham a se imbricar na língua, o que, até o século XX, ainda não ocorreu. Esse resultado pode, em tese, sinalizar para uma possível concorrência entre ambas as construções, o que atestaria nossa hipótese da variação.

Antes, porém, de explorá-la, analisemos nosso objeto de estudo segundo as três categorias que propusemos: (i) construção aspectual (+CA); (ii) sequência justaposta, mas ainda não gramaticalizada como construção aspectual (–CA); e (iii) contextos de ambiguidade. Categorizamos como construção aspectual aquelas ocorrências em que as formas ANDAR ou VIVER (verbo auxiliar) se juntam às formas nominais de gerúndio (verbo principal), formando uma unidade verbal, conforme ilustram estes exemplos:

- (9) “Neste lamentável estado [**andaram fluando**] alguns dias por onde a tormenta os levava, sempre com a morte diante.” (ocorrência do *corpus*, século XVIII)
- (10) “Um homem melancólico vale mil vezes mais do que aquele que [**vive rindo-se**] constantemente.” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Aquelas ocorrências em que ANDAR ou VIVER aparecem justapostos a uma forma nominal de gerúndio, mas não formam uma unidade verbal, conforme ilustram os exemplos 11 e 12, a seguir, foram categorizadas como –CA:

- (11) “[...] quem vem montado como o senhor, não tem que [**andar**] [**contando**] bocadinhos de léguas.” (ocorrência do *corpus*, século XIX)
- (12) “É ventura para o homem [**viver**] [**confiando**] e morrer esperando em Deus.” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Por fim, houve contextos que não nos permitiram identificar com clareza se a forma nominal de gerúndio, introdutora de uma oração reduzida (tal como ilustrado em 11 e em 12), já havia sido reanalisada em verbo principal da construção ou se ainda se mantinha na função adverbial, motivo pelo qual as consideramos formas ambíguas, conforme ilustrado a seguir:

- (13) “Ao dobrar uma volta do caminho achou-se diante de um rancho de moças, que **andavam passeando**.” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Em 13, paira a dúvida se as moças passeavam andando ou se passeavam frequentemente, o que não ocorre num contexto semelhante, já gramaticalizado e ilustrado a seguir:

- (14) “Ao despedir-se atreveu-se Estêvão a perguntar por ela. – **Anda passeando**, respondeu a baronesa [...]” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Nesse caso, fica claro tratar-se de nossa construção, dado que é perceptível a noção aspectual de iteração expressa no conjunto. A seguir, apresentamos dados semelhantes com o verbo VIVER:

- (15) “[...] O filme conta a história de um grupo de *skinheads* australianos que **vive espancando** invasores vietnamitas.” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Em 15, surge a dúvida se temos, de fato, uma construção que indica que os *skinheads* têm o hábito de espancar vietnamitas, ou se é o verbo “viver”, com o sentido de “passar a existência”, seguido pelo gerúndio “espancando”, que indica que eles passaram a sua existência espancando vietnamitas. Tal ambiguidade não ocorre no dado 16 a seguir:

- (16) “Este pobre homem é muito tolo! Faz pena, que é boa pessoa. **[Vive cantando]** umas asneiras, uma cantiga sem pé nem cabeça.” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Nesse contexto, não há dúvida de que se trata de referência à repetição de atitude já rotineira do pobre homem, configurando, então, um exemplo de dado categorizado como +CA.

Nas Tabelas 5, 6 e 7, apresentamos a quantificação diacrônica dos padrões analisados segundo essas três categorias.

**Tabela 5. Frequência diacrônica das ocorrências da construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>].**

<b>+ Construção aspectual</b>		
	<b>Número de ocorrências bruto</b>	<b>Número de ocorrências balanceado</b>
<b>Século XVIII</b>	59	871,72205
<b>Século XIX</b>	139	458,600615
	<b>PB Escrito</b>	114
	<b>PE Escrito</b>	18
<b>Século XX</b>	<b>PB Oral</b>	11
	<b>PE Oral</b>	9

**Tabela 6. Frequência diacrônica das ocorrências de [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] justapostas.**

<b>- Construção aspectual</b>		
	<b>Número de ocorrências bruto</b>	<b>Número de ocorrências balanceado</b>
<b>Século XVIII</b>	1	14,77495
<b>Século XIX</b>	1	3,299285
	<b>PB Escrito</b>	2
	<b>PB Oral</b>	0
<b>Século XX</b>	<b>PE Oral</b>	0
	<b>PE Escrito</b>	0

**Tabela 7. Frequência diacrônica das ocorrências de [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] ambíguas.**

<b>Contexto de ambiguidade</b>		
	<b>Número de ocorrências bruto</b>	<b>Número de ocorrências balanceado</b>
<b>Século XVIII</b>	3	44,32485
<b>Século XIX</b>	6	19,79571
	<b>PB Oral</b>	0
	<b>PB Escrito</b>	0
<b>Século XX</b>	<b>PE Oral</b>	0
	<b>PE Escrito</b>	0

Ao analisarmos os dados sistematizados nas Tabelas 5 a 7, notamos maior frequência de construções aspectuais; em segundo lugar, surgem os contextos de ambiguidade; e a menor frequência é de ocorrências de  $V1_{ANDAR} + V2_{GERÚNDIO}$  justapostas, padrão que diminui bastante do século XVIII para o XIX e que se estabiliza no século XX. Já o número de ocorrências ambíguas faz o mesmo caminho em relação aos séculos XVIII e XIX, mas desaparece no século XX. O fato de não existirem ocorrências ambíguas no século XX pode ser um indicador de que essa construção se encontra gramaticalizada para marcar a função aspectual, tendo, pois, concluído seu processo de mudança linguística.

No que se refere ao caráter funcional assumido pela construção [ $V1_{ANDAR} + V2_{GERÚNDIO}$ ], verificamos que ela conota o aspecto iterativo, aquele em que há repetição da ação, seja ele pontual (perfectivo) ou durativo (imperfectivo), a depender do verbo auxiliado, conforme descrito em Castilho (1968) e em Travaglia (1985/2014) e ilustrado por nossos dados:

- (17) “O célebre engenheiro Vauban **anda correndo** as fronteiras daquela parte e do Delfinado para ordenar as reparações [...]” (ocorrência do *corpus*, século XVIII)
- (18) “Quantos anos há que Vossa Mercê nos **anda prometendo** vir a Lisboa, e nunca chegou este prazo?” (ocorrência do *corpus*, século XVIII)

Em 17 temos uma ação iterativa durativa; já em 18 há uma ação iterativa pontual, diferença aspectual determinada pela telicidade de V2. Esses dados, extraídos, respectivamente, de cartas de José da Cunha Brochado<sup>16</sup> e de Alexandre Gusmão<sup>17</sup>, acusam que, no século XVIII, não havia diferença dialetal entre PE e PB no uso das construções com o verbo *andar* para marcação do aspecto contínuo, tal como atestado contemporaneamente por Alzmore (2018). Isso suscita a hipótese de que tal concorrência possa decorrer de analogia com as construções [ $V1_{ESTAR} + A + V2_{INFINITIVO}$ ] e [ $V1_{ESTAR} + V2_{GERÚNDIO}$ ], que são variantes linguísticas das construções cujo auxiliar é o verbo *andar*<sup>18</sup>. Passemos, agora, à análise das categorizações com o verbo VIVER.

**Tabela 8. Frequência diacrônica das ocorrências da construção [ $V1_{VIVER} + V2_{GERÚNDIO}$ ].**

	+ Construção aspectual	
	Número de ocorrências bruto	Número de ocorrências balanceado
<b>Século XIX</b>	48	158,36568
<b>Século XX PB Escrito</b>	94	149,390816
<b>Século XVIII</b>	5	73,87475
<b>PB Oral</b>	22	34,963808
<b>Século XX PE Escrito</b>	8	12,714112
<b>PE Oral</b>	1	1,589264

<sup>16</sup> Diplomata e magistrado português nascido em Cascais (1651).

<sup>17</sup> Diplomata brasileiro nascido na cidade de Santos (1695).

<sup>18</sup> Para uma discussão mais aprofundada acerca da variação entre as construções [ $V1_{ANDAR/ESTAR} + A + V2_{INFINITIVO}$ ], consultar o trabalho de Sousa (2007).

**Tabela 9. Frequência diacrônica das ocorrências de [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] justapostas.**

		– Construção aspectual	
		Número de ocorrências bruto	Número de ocorrências balanceado
<b>Século XIX</b>		5	16,496425
<b>Século XX</b>	<b>PB Escrito</b>	1	1,589264
<b>Século XVIII</b>		0	0
	<b>PB Oral</b>	0	0
<b>Século XX</b>	<b>PE Oral</b>	0	0
	<b>PE Escrito</b>	0	0

**Tabela 10. Frequência diacrônica das ocorrências de [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] ambíguas.**

		Contexto de ambiguidade	
		Número de ocorrências bruto	Número de ocorrências balanceado
<b>Século XX</b>	<b>PB Escrito</b>	3	4,767792
<b>Século XX</b>	<b>PE Escrito</b>	1	1,589264
<b>Século XVIII</b>		0	0
<b>Século XIX</b>		0	0
	<b>PB Oral</b>	0	0
<b>Século XX</b>	<b>PE Oral</b>	0	0

Ao analisarmos os dados sistematizados nas Tabelas de 8 a 10, percebemos uma diferença em relação àquelas com o verbo ANDAR: maior frequência de construções aspectuais, seguidas das formas justapostas, e, por último, os contextos de ambiguidade. No século XVIII, só identificamos construções gramaticalizadas. Já, no século XIX, identificamos um aumento na frequência das construções gramaticalizadas e a presença de formas justapostas. Por fim, no século XX, quando é possível controlar as variáveis Português Europeu (PE) e Português Brasileiro (PB), bem como textos orais e textos escritos, notamos que essa construção é mais produtiva no PE que no PB. O fato de só identificarmos construções ambíguas no século XX certamente decorre de não ter sido flagrada nenhuma ocorrência na amostra linguística coletada, mas sugere que o processo de gramaticalização dessa construção ainda esteja em curso, contrariamente àquele das construções com o verbo ANDAR. Tal conjectura se confirma na descrição de Barroso (2009) que, ao analisar as construções de “progressivocomitativo” conclui que as estruturas de “progressivocomitativo contínuo”, isto é, aquelas formadas de < *viver* + gerúndio > e < *viver a* + infinitivo > se encontram num estágio de gramaticalização bem menos avançado do que aquelas de “progressivocomitativo descontínuo” (< *andar* + gerúndio > e < *andar a* + infinitivo >).

No tocante a seu valor funcional, a construção [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] traduz o que Travaglia (1985/2014) classifica como aspecto habitual, quando há repetição de forma consciente e automatizada, já que “[...] no hábito a repetição parece ser mais regular, constante, não havendo falhas nas repetições da situação [...]” (p. 48), em concordância ao que se observa nestas ocorrências extraída de nossos dados:

- (19) “O mano Américo é o tipo da dedicação fraternal: **vive pensando** em mim, negociando por mim, e explorando em meu favor e benefício [...]” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

- (20) “Vamos passando assim mesmo conforme Deus nos ajudar. Pode-se dizer que **vivo trabalhando** para eles. Paciência! Um dia isto há de ter um fim [...]” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Além das diferenças quantitativas e funcionais já descritas em relação às duas construções estudadas, percebemos que a razão pela qual a construção com o verbo ANDAR é ambígua difere da razão pela qual a construção com o verbo VIVER o é. Com o verbo ANDAR, temos a noção de que é possível se deslocar enquanto se faz algo. Isso decorre, certamente, do fato de o verbo ANDAR ser um verbo de movimento concreto, que conota deslocamento no espaço. Já a noção de movimento expressa na forma lexical do verbo VIVER é mais abstrata, oriunda de um processo metafórico que associa o movimento a um deslocamento não no espaço, mas no tempo. Isso certamente interferiu no processo de reanálise das formas. Segundo Travaglia (1985/2014), o tempo verbal do auxiliar é também um fator determinante para a reanálise:

nos pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, a perífrase se desfaz e o que temos é o seguinte: o verbo viver em um destes tempos com seu significado de “ter a vida”, “passar a existência”, e o verbo no gerúndio indicando o modo como o sujeito viveu, ou a atividade que ele exerceu durante a vida. (Travaglia 1985/2014, p. 210)

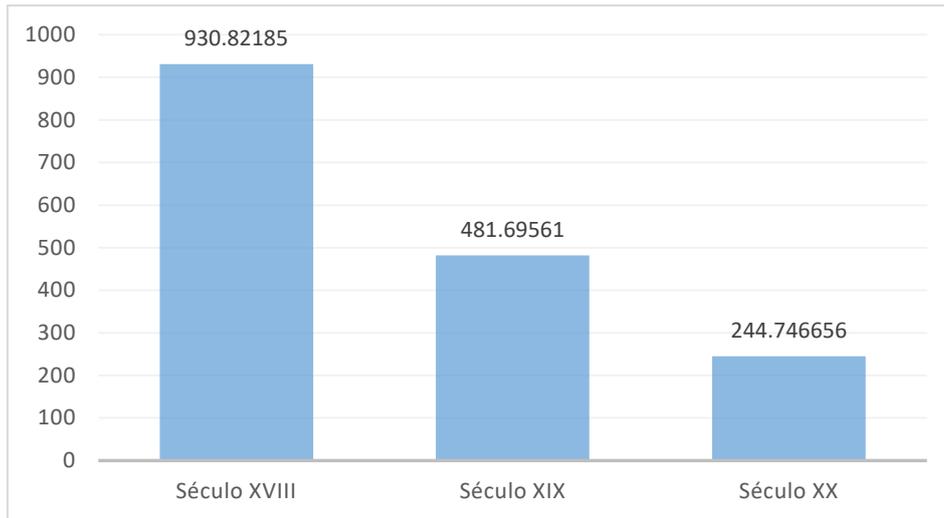
Os exemplos a seguir, extraídos do autor, ilustram essa restrição temporal do auxiliar, fato não identificado nas construções com o auxiliar ANDAR:

- (21) “Seu irmão **viveu sonhando** ser ator, mas nunca fez nada neste sentido.” (Travaglia 1985/2014, p. 210)
- (22) “Selma **vivera economizando** para que depois os filhos esbanjassem tudo.” (Travaglia 1985/2014, p. 210)

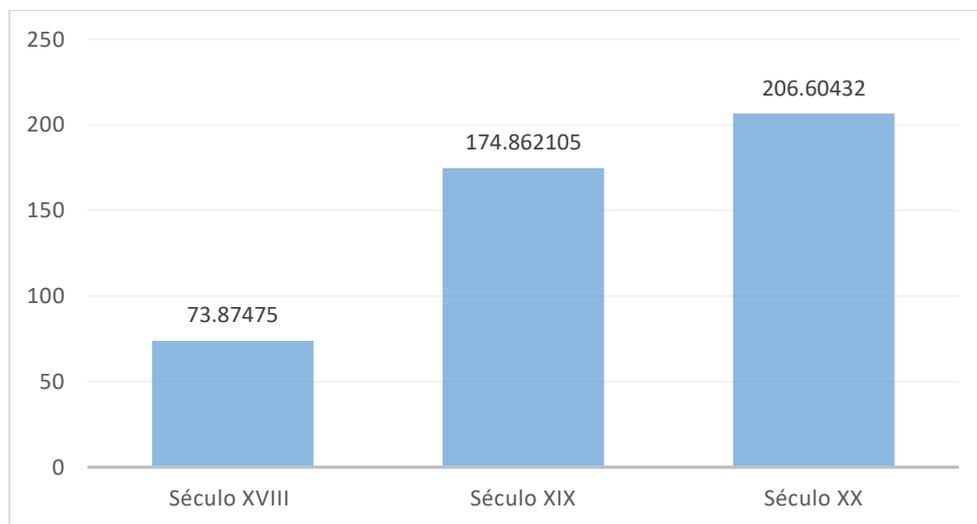
Analisado o percurso diacrônico entre as duas construções objeto de nosso estudo, bem como identificadas algumas diferenças entre elas, cabe-nos, por fim, avaliar se elas são ou não formas variantes nos termos labovianos, tarefa a que nos dedicamos na próxima subseção.

## 5.2. A hipótese de uma possível concorrência entre as construções

De acordo com o que foi demonstrado (*cf.* Tabelas 1 e 2), a frequência entre as construções [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] e [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] é distinta – não apenas em termos quantitativos, já que aquela é mais produtiva que esta, como também se altera ao longo dos séculos –, o que nos leva a cogitar acerca de um possível processo de variação linguística entre as formas. Essa hipótese tende a se fortalecer, quando comparamos as duas frequências diacronicamente, tal como apresentado nos Gráficos 2 e 3, a seguir:



**Gráfico 2. Frequência diacrônica das ocorrências de [V1ANDAR + V2GERÚNDIO].**



**Gráfico 3. Frequência diacrônica das ocorrências de [V1VIVER + V2GERÚNDIO].**

Os dados nos mostram que as duas construções fazem o caminho inverso uma da outra: enquanto a frequência diacrônica de [V1ANDAR + V2GERÚNDIO] diminui, a frequência de [V1VIVER + V2GERÚNDIO] aumenta, o que, como mencionado, leva-nos a pensar num possível processo de concorrência entre as formas. Entretanto, para que isso seja atestado, é necessário que tais construções sejam variantes linguísticas, isto é, que preservem o mesmo valor de verdade em todos os contextos. Para avaliar tal hipótese, analisemos os dados a seguir:

(23)

- a. “Cidades como Chuí, Santa Vitória do Palmar, Montenegro, a gente andou viajando bastante com esse trabalho.” (ocorrência do corpus, século XX)
- b. \* Cidades como Chuí, Santa Vitória do Palmar, Montenegro, a gente **viveu viajando** bastante com esse trabalho.

(24)

a. “Ando pensando em você.” (ocorrência do corpus, século XX)

b. **Vivo pensando** em você.

(25)

a. “Aliás, é sobre isso que quero conversar com o seu marido. Andei sabendo que ele tem umas terras por aqui pra vender, será verdade?” (ocorrência do corpus, século XX)

b. ? Aliás, é sobre isso que quero conversar com o seu marido. **Vivi sabendo** que ele tem umas terras por aqui pra vender, será verdade?

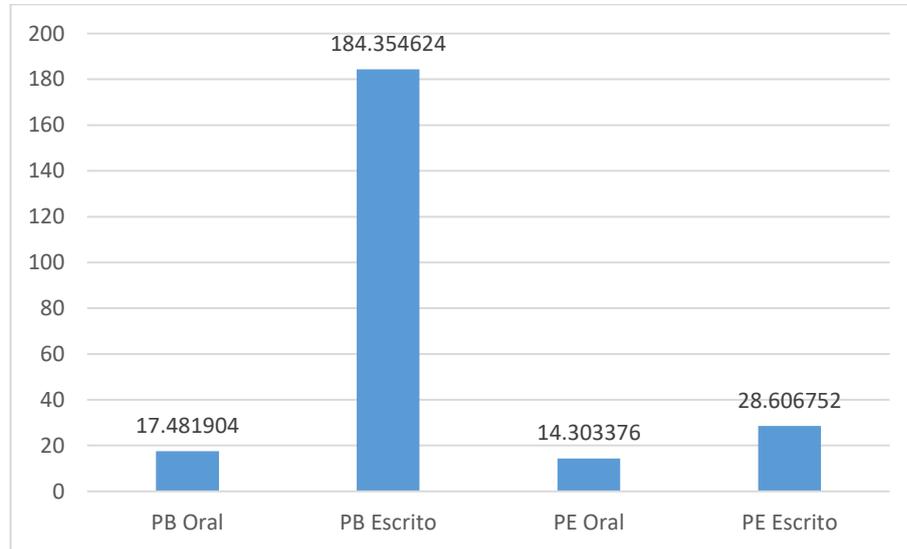
(26)

a. “O meu bichano havia de andar miando tristemente pelos cantos.” (ocorrência do corpus, século XX, PB Escrito).

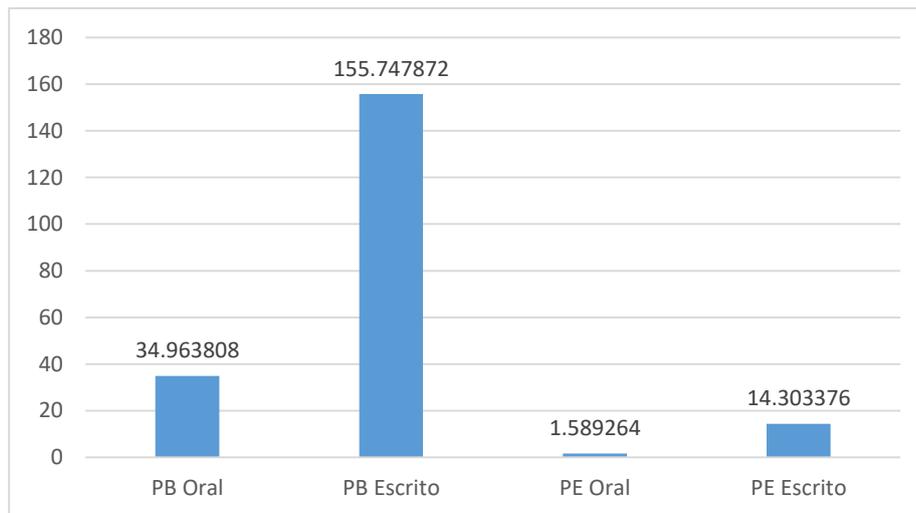
b. O meu bichano havia de **viver miando** tristemente pelos cantos.

As comutações acima demonstram que apenas em 24 e em 26 é possível pensar em variação. Em 23 e em 25, ao contrário, não podemos assumir que a substituição mantém o mesmo valor de verdade. Em 23, a substituição gera um enunciado agramatical e, em 25, de gramaticalidade duvidosa ou que, se aceita, a sequência V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub> não é uma construção aspectual, mas uma justaposição das formas (–CA). Isso demonstra, pois, que a hipótese de variação entre as construções não se sustenta ou, no mínimo, que ela é parcialmente aceitável. Isso porque, segundo se depreende dos dados, parece haver contextos de variação, os quais seriam determinados pelo tempo verbal em que V1 se encontra flexionado. O pretérito perfeito do indicativo seria um contexto que impede a variação, ao passo que o presente do indicativo parece favorecê-la. Embora, aparentemente, o presente seja um possível contexto de variação, como demonstrado pela substituição em 24, existem nuances de sentido que a desautorizam: a construção cujo V1 é ANDAR parece remeter à iteração de um evento cujo início é mais recente, enquanto aquela introduzida pelo verbo VIVER evoca uma iteração que dura há mais tempo, própria das configurações de habitualidade que, segundo Cunha (2006, p. 346), “requerem um intervalo de comparência obrigatoriamente longo e estável que, preferencialmente, se apresenta como não delimitado”. Semelhante nuance também se manifesta em 26 e acusa, portanto, distinção na marcação do aspecto. Segundo a perspectiva de Travaglia (1985/2014), a construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] marca o aspecto iterativo, que carrega as noções de duração, de limitação e de descontinuidade, enquanto a construção [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] marca o aspecto habitual, que carrega as noções de duração, de infinitude e de descontinuidade. É, pois, a oposição entre as noções de limitação e de infinitude que explica a diferença de sentido acima apontada. Em face disso, fica, portanto, descartada a hipótese da variação linguística entre as duas construções, o que nos leva a buscar outra explicação para a inversão diacrônica das frequências.

Para tanto, voltemos nossas lentes de análise para outras variáveis além do tempo: examinemos os dados do século XX, verificando se é possível identificar alguma tendência de uso, comparando-se texto oral e texto escrito, bem como PE e PB. Os resultados obtidos encontram-se dispostos nos Gráficos 4 e 5, a seguir:



**Gráfico 4. Frequência de [V1ANDAR + V2GERÚNDIO] no século XX.**



**Gráfico 5. Frequência de [V1VIVER + V2GERÚNDIO] no século XX.**

A análise dos Gráficos 4 e 5 demonstra que ambas as construções são mais produtivas no PB que no PE. Além disso, em ambas as modalidades do português, a construção é mais produtiva no texto escrito que no texto oral. A julgar, portanto, por esses dados, não podemos afirmar que alguma dessas duas variáveis possa ser evocada para explicar a expansão de uso da construção cujo auxiliar é VIVER e a redução da construção formada por ANDAR. Por ora, a única possibilidade que consideramos viável para explicá-la diz respeito aos contextos de ambiguidade. Segundo pudemos observar, as construções com o verbo ANDAR são mais susceptíveis à ambiguidade, quando têm como verbos principais outros verbos de movimento, como correr, passear, apanhar (= pegar) etc. Assim, acreditamos que, visando a tornar mais clara a sua intenção e a evitar ruídos na

comunicação, os falantes tendem a evitar as construções com o verbo ANDAR nesses contextos, o que acarreta sua menor produtividade. Alertamos, contudo, que essa é uma hipótese que ainda precisa ser melhor investigada em estudos futuros, sendo aqui apenas suscitada. Por ora, basta-nos a atestação de que não se pode falar em variação linguística no caso das duas construções aspectuais analisadas, já que, embora ambas denotem iteração, elas se distinguem em termos da noção de (i)limitação.

## 6. Conclusão

Este trabalho iniciou-se com a intenção de descrever e de analisar as construções verbais [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] e [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] no tocante à sua função aspectual e, aliado a isso, compará-las diacronicamente, para averiguar se elas são ou não variantes linguísticas nos termos labovianos, conforme hipótese aventada. Para avaliar a (in)adequação dessa hipótese, analisamos 542 dados coletados na plataforma *Corpus* do Português (Davies 2004), num recorte temporal que compreendeu os séculos XVIII, XIX e XX. Para descrever quais noções aspectuais as construções objeto de nosso estudo traduzem, foram adotadas as perspectivas de Castilho (1968) e de Travaglia (1985/2014).

Nossos resultados alinham-se com a proposta de Travaglia (1985/2014), segundo a qual existe uma diferença aspectual entre as perífrases motivada pela (i)limitação da ação. A análise dos dados acusou que a construção [V1<sub>ANDAR</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>] denota uma noção aspectual de iteratividade de evento não habitual, ao passo que a construção [V1<sub>VIVER</sub> + V2<sub>GERÚNDIO</sub>], embora marque também a noção de iteratividade, o faz em relação a evento costumeiro. Em face dessa distinção, chegamos à conclusão de que as construções analisadas não se equivalem semântica e funcionalmente em todos os contextos, o que invalida, pois, a hipótese de que sejam variantes linguísticas, como ilustram os seguintes dados:

- (27) “Brás, o qual antes de aproximar-se da tapera, onde encontrara Berta, ali **andava cavando** com a pá [...]” (ocorrência do *corpus*, século XVIII)
- (28) “E eu **vivia espremendo** em minha alma o fel dessas humilhações [...]” (ocorrência do *corpus*, século XIX)

Além dessa distinção, identificamos ainda alguma especificidade no que tange aos contextos de ambiguidade. As construções em que o auxiliar é o verbo ANDAR são mais susceptíveis à ambiguidade, nem sempre nos permitindo identificar se o processo de reanálise de V1 em verbo auxiliar já ocorreu. Atribuímos isso ao processo de gramaticalização do verbo auxiliar, que parece estar menos consolidado no verbo ANDAR, quando comparado ao verbo VIVER. Além disso, o fato de o verbo ANDAR traduzir, em sua forma lexical, um movimento concreto, favorece sua coocorrência com um número maior de verbos, inclusive de movimento, ao passo que o verbo VIVER, por traduzir um movimento mais abstrato, tende a ocorrer com um número mais restrito de verbos. Avaliamos que essa distinção em termos de concretude/abstração das formas que se gramaticalizam como auxiliares das construções estudadas reflita a aludida diferença

na “natureza dos verbos auxiliares”, tal como apontado por Castilho (1968), quando da distinção entre os dois tipos de construção. Assim, fica claro que o aspecto é uma categoria composicional em seu sentido mais amplo, dado que até mesmo o tipo de predicador verbal que se gramaticaliza como auxiliar de uma construção aspectual pode interferir na marcação do aspecto, além do que para isso concorrem também fatores outros, quais sejam, telicidade e classe acional dos verbos integrantes do composto, morfemas flexionais e circunstanciais adverbiais.

## Referências

- Alzamora, H. I. (2018). *As perífrases verbais no português europeu contemporâneo* (Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa).
- Barroso, H. (1994). *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: Visão funcional/sincrónica*. Porto: Porto Editora.
- Barroso, H. (2009). Progressivo, progressivo comitativo e progressivo gradativo no PE da actualidade: Expressão, combinatória e variação. *VI Congresso Internacional da ABRALIN*, João Pessoa, 1, 3603–3615.
- Câmara Júnior, J. M. (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Castilho, A. T. (1968). *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.
- Comrie, B. (1976). *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge Textbooks in Linguistics.
- Costa, S. B. B. (2002). *O aspecto em português* (3.ª ed.). São Paulo: Contexto.
- Cunha, L. F. (2006). Frequência vs habitualidade: Distinções e convergências. *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*, 333–357. Consultado em <http://fhyc.unileon.es/SEL/actas/Cunha.pdf>
- Davies, M., & Ferreira, M. (2006). Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Consultado em outubro 2013 em <http://www.corpusdoportugues.org>
- Drumond, G. S. P. (2014). *Gramaticalização das construções VI(a)garrar + PrepA + V2infinitivo e VIpegar + PrepA + V2infinitivo como marcadores aspectuais no português*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Ferrari, L. (2014). *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto.
- Goldberg, A. E. (1995). *Constructions: A construction's grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press.
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H., Frota, S., Matos, G., Villalva, A. *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (5.ª ed. revista e aumentada). Lisboa: Caminho.
- Oliveira, F., Cunha, L. F., & Matos, S. (2000). Alguns operadores aspectuais em PE e PB. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, 737–749. Consultado em <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2000-58.pdf>
- Rafael, G. C. R. A. (2016). *Estudo comparativo sobre o uso de construções aspectuais inceptivas no português brasileiro e no português europeu* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte).
- Sousa, O. (2007). Perífrases aspectuais: estar a/andar a + infinitivo. In M. Lobo & M. A. Coutinho (Eds.), *XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 637–648). Lisboa: APL.
- Tarallo, F. (1986). *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- Travaglia, L. C. (2014). *O aspecto verbal no português: A categoria e sua expressão* (5.ª ed.). Uberlândia: EDUFU. (Obra original publicada em 1985).
- Vitral, L. T., & Coelho, S. M. (2019). A auxiliarização em Português: Aspecto, novas formas e implicações teóricas. In C. Galves, M. A. Kato, & I. Roberts (Eds.), *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica* (pp. 253–282). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.

Wachowicz, T. C. (2004). Marcas lingüísticas de iteratividade em PB. In *Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*, Florianópolis, Santa Catarina. Consultado em [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/index.htm](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/index.htm)

[recebido em 27 de outubro de 2020 e aceite para publicação em 09 de fevereiro de 2021]